



A CRÍTICA ARISTOTÉLICA À DIALÉTICA PLATÔNICA

SAMARA MARINHO LIMA DE FREITAS¹

Resumo

O presente artigo visa apresentar a crítica de Aristóteles à dialética de Platão. Objetiva-se discutir o conceito de dialética para esses dois autores, bem como suas similaridades e contradições. Será feito através de uma revisão de literatura. Espera-se que o presente estudo permita a análise sucinta do modo como os dois autores concebem essa contradição entre as ideias para a formação de conhecimento.

Palavras-chave: Dialética, ideias, Aristóteles, Platão.

Abstract

This article aims to present Aristotle's critique to Plato's dialectic. The aim is to discuss the concept of dialectic to these two authors, as well as their similarities and contradictions. It will be done through a literature review. As a result it is expected that this study will allow the analysis of the way these authors think this contradiction between the ideas for knowledge construction.

Keywords: *Dialectic, ideas, Aristotle, Platon.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar o conceito de dialética para Platão e a crítica de Aristóteles a esse conceito. Este trabalho será dividido em três tópicos principais que serão organizados cronologicamente, sendo eles: maiêutica, a dialética de Platão, a crítica de Aristóteles.

A análise será feita a partir de uma revisão bibliográfica de livros dos filósofos acima citados, de leituras orientadas desses livros e de artigos já publicados. Objetiva-se para além de analisar a crítica de Aristóteles, pensar na influência desses autores para a construção do saber científico e para a sociedade hodierna.

A palavra dialética, de acordo com o Dicionário Online de Português, vem do grego dialetiké que significa dia – troca e letike – conceito, troca de conceitos. De acordo com o “Novo dicionário de língua portuguesa” (2016), é “a arte de argumentar ou discutir.



Argumentação dialogada pela filosofia antiga.” A dialética consiste, então, por ser uma troca de conceitos entre duas ou mais pessoas, é um fluxo de argumentos em busca de uma verdade ou conhecimento. O conceito de dialética foi estruturado e difundido por Platão, entretanto filósofos pré-socráticos já utilizavam desse conceito.

A MAIÊUTICA

Dialética é a arte do diálogo. Apresentada por Platão, consistia em um debate de ideias opostas para a formação de novas ideias. A dialética platônica foi influenciada pelo método socrático. A dialética socrática, também conhecida como maiêutica ou método socrático, consiste em um processo dialético de construção de conhecimento. Eram feitas perguntas e assim que estas eram respondidas, eram feitas novas perguntas e quem respondia era conduzido a descobrir uma verdade.

Maiêutica, de acordo com o Dicionário Online de Português, vem do grego *μαιευτική* – *maieutike* que significa obstetrícia. De acordo com o “Novo dicionário de Língua Portuguesa”(2010) também é definida pelo “processo de ensinamento aplicado por Sócrates”. A maiêutica visava a construção de um diálogo para que novas ideias surgissem. Na obstetrícia há o acompanhamento da gravidez da mulher, do pré-natal até os primeiros cuidados com o recém nascido. Na maiêutica há o desenvolvimento de questões e construção de um raciocínio que chegará a uma verdade.

Sócrates acreditava que todos os seres humanos possuem a mesma capacidade e todo o conhecimento poderá se revelar através do questionamento direcionado. Por nunca apresentar respostas e utilizar da ironia nos questionamentos, foi taxado por outros pensadores e escritores da época como um sofista. Aristófanes em sua obra “As Nuvens”(2013), uma peça, descreve os sofistas como golpistas que usam da arte da retórica para persuadir e enganar as pessoas por dinheiro. Ainda os acusa de fazerem uma discussão sem um fim prático para a sociedade. E nessa sátira, ele acusa Sócrates de ser um sofista.

Platão foi aluno de Sócrates e transcreveu todos os diálogos de seu mestre, sendo os escritos por ele feito, os únicos registros sobre Sócrates. O livro de Platão “Teeteto”(2020) apresenta a maiêutica socrática. Nesse processo, primeiro era empregado a ironia através de perguntas simples e aparentemente ingênuas que apresentariam um resultado final. No decorrer da ironia o questionado era levado a realizar contradições até chegar num momento onde começa a duvidar de tudo que sabia. A partir disso, irá reconstruir suas ideias de forma mais complexa e isso seria a maiêutica (resultado final), ou seja, o surgimento de uma verdade.



O objetivo de Sócrates era desconstruir todas as crenças, os mitos e construir um conhecimento sólido e verdadeiro. Platão irá utilizar desse método socrático de questionamento e o aplicará na formulação de sua dialética. Todos os livros de Platão são escritos em forma de diálogo decorrente dessa influência socrática. A dialética platônica reconhece que há duas realidades e construirá um caminho, através da linha quadripartite, para se chegar ao conhecimento verdadeiro.

DIALÉTICA DE PLATÃO

Foi nos escritos de Platão que a dialética foi pela primeira vez apresentada. Os livros foram escritos em formatos de diálogo, pois para o autor a dialética seria um caminho para ultrapassar o senso comum e alcançar o conhecimento verdadeiro. A dialética seria a possibilidade de sair do mundo sensível e aspirar ao mundo inteligível. Platão possuía uma visão dualística do mundo, existiriam dois mundos opostos. Um mundo sensível onde os seres humanos estariam em algo projetado e falso. E um mundo inteligível onde as coisas se mostram como realmente são.

O caminho que se deve percorrer para alcançar o mundo inteligível é explicado por Platão através da linha quadripartite e da alegoria da caverna, conceitos apresentados e discutidos na obra “A República” (2015). Platão foi um filósofo inatista, de acordo com ele todos os seres humanos já nasciam com todo conhecimento que provinha de suas vidas passadas. O caminho para descobrir a verdade seria lembrar.

A linha quadripartite, também chamada de Alegoria da Linha, foi um modelo que pretendia explicar as camadas do saber. Nessa alegoria é traçada uma reta vertical e três linhas horizontais, duas delimitando a reta e uma central dividindo-a, ainda, nos dois segmentos formados é traçada outras duas linhas horizontais centrais, formando assim quatro segmentos que representam o caminho que se deve seguir para chegar ao mundo inteligível e a filosofia plena.

Os quatro segmentos apresentados na Alegoria da Linha representam fases da consciência humana. Os dois primeiros segmentos, no sentido de baixo para cima, caracterizam-se por estarem no mundo das sombras, é a realidade sensível, a doxa (opinião). Essa realidade sensível é caracterizada como uma primeira navegação, onde tudo está em constante mudança. Nela o ser humano está acomodado e não é instigado a pensar, ele entende o mundo a partir das sombras formadas pelas projeções do mundo das ideias. Os dois segmentos superiores caracterizam a realidade inteligível, é a segunda navegação. Sair da primeira navegação e adentrar na segunda é ir em busca do conhecimento verdadeiro através da razão.



No primeiro segmento ou nível está a imagem. Nele o ser humano colhe imagens que aparentam ser, usa a imaginação para interpretar e criar imagens das sombras que estão sendo projetadas. No segundo nível estão os objetos sensíveis, nele a imaginação não vai ser o fator fundamental, pois as crenças estabelecidas por determinada comunidade, a fé, o instinto vai operar como protagonista.

No terceiro segmento estão as entidades matemáticas. Nesse nível o conhecimento irá se operacionalizar além da opinião, será construído através da razão. Esse é o primeiro estágio da realidade inteligível ou a segunda navegação de Platão. No entanto, esse terceiro nível ainda se encontra preso em algumas concepções do primeiro e segundo nível. É somente no quarto nível que é o último estágio que o indivíduo irá chegar ao tão sonhado mundo das ideias. Nele acontece a formação de uma episteme (conhecimento) que supera qualquer opinião e possui bases fundamentadas racionalmente. O mundo das ideias é um conceito proposto por Platão para descrever o mundo perfeito, onde nada muda e tudo é eterno. É dele que decorre todas as projeções que existem no mundo sensível. Para ele, a essência de cada coisa, as ideias primeiras se encontram no mundo das ideias.

Platão utiliza o termo navegação, pois o caminho traçado por ele através da alegoria da linha era metaforicamente comparado a uma viagem sobre as águas. Na primeira navegação a força do vento atuaria na locomoção do barco. Entretanto, na segunda navegação seria necessário o esforço do indivíduo através do remo para se chegar a um determinado fim. No mundo sensível a opinião e as crenças atuam como protagonistas e o indivíduo não é instigado a sair da sua realidade para ir em busca da verdade. No mundo inteligível, o indivíduo está em busca da verdade e isso exige esforço, pois tudo que era a realidade do indivíduo é falso e ele precisará abandonar tudo que se tem como normal para ir em busca da realidade verdadeira.

O Mito da Caverna de Platão, apresentado no livro VII da obra República, é uma alegoria que serve para explicar de maneira mais dinâmica a Alegoria da Linha. Nessa história há pessoas que estão aprisionadas dentro de uma caverna, geração após geração, e não conseguem se mover, pois, estão acorrentados da cabeça aos pés. Ainda, esses prisioneiros estão de costas para a entrada da caverna e atrás deles há uma parede e atrás dela uma fogueira que projeta sombras do que passa pela entrada da caverna. E essas imagens projetadas são a realidade para aqueles prisioneiros. Supondo que certo dia, um dos prisioneiros consiga se soltar e sair da caverna. No começo passaria por dificuldades, mas com o tempo se adaptaria e passaria a admirar o que está no exterior da caverna, e enxergar as coisas como realmente são. Supondo que ele decidisse voltar ou fosse obrigado, é possível que quando relatasse tudo que experienciou fosse ignorado e tido como louco e provavelmente seria assassinado.



A dialética platônica exprime-se como um caminho a ser seguido para se chegar ao mais alto nível de esclarecimento. Esse caminho deveria levar a pessoa a lembrar o que já sabe, o que fora aprendido em uma vida anterior a esta. A dialética seria, portanto, a maneira de instigar o pensamento, que para Platão é inerente a cada ser humano, para sair da falsidade e entender a verdadeira essência das coisas. Exergar o que de verdade é, só é possível no mundo inteligível, pois as coisas se mostrarão como realmente são.

Ascender ao mundo inteligível é, para Platão, deixar a opinião, as crenças, os sentidos e seguir um caminho racional guiado pelo conhecimento mais exato. Ele despreza os sentidos e as sensações, pois reconhece estes como errôneos. O corpo é tratado pelo filósofo como um elemento irracional, de onde precede os erros e os impulsos. A alma deveria dominar o corpo, pois ela guia ao racional. A alma seria o elemento mais importante e, para o filósofo, ela é imortal e vem antes do corpo. O conhecimento que se alcança saindo do mundo sensível para o mundo inteligível é um lembrar dos conhecimentos inatos que a alma possui.

Ainda, a alma sendo imortal estaria sempre após a morte de um corpo em busca de outro corpo para habitar. E a vida nesse novo corpo dependeria da vida que ela teve no outro corpo. Além disso, se a alma precede o corpo e carrega um conhecimento, também carrega características e habilidades inatas. Portanto, de acordo com o filósofo, a posição social das pessoas é justificada pelo inatismo, não há, então, uma chance para a mudança.

A dialética, proposta por Platão, seria, portanto, o diálogo entre duas pessoas (ou mais) que possuem pontos de vista opostos. O resultado esperado seria uma ideia final onde após o debate os envolvidos chegariam a um conhecimento comum que seria uma verdade. Somente através da dialética poderia se chegar à filosofia plena ou ao mundo das ideias. E chegar ao mundo das ideias é lembrar tudo que a alma já sabe. Os indivíduos por meio da razão e através do método dialético atingirão a reminiscência.

A CRÍTICA DE ARISTÓTELES

A dialética proposta por Aristóteles consistia em um método que utiliza da lógica para se chegar a uma verdade factual. Diferentemente de Platão, seu professor, Aristóteles não achava que o mero diálogo entre duas pessoas com ideias contrárias, necessariamente implicaria numa verdade. Poderiam, claro, chegar a conclusões e até concordarem, entretanto, o resultado desse processo, para ele, não consiste necessariamente em uma verdade. Aristóteles reconhecia a importância da dialética platônica, entretanto não acreditava na validade do conhecimento gerado.



Esse filósofo defendia que as pessoas formariam e desenvolveriam conhecimento a partir das experiências. Reconhecia a capacidade de aprender como uma capacidade do ser humano, entretanto, diferentemente de Platão não acreditava que as pessoas possuíam um conhecimento inato. Aristóteles é definido como empirista, entretanto o termo empirismo surgiu somente com John Locke em seu “Ensaio acerca do entendimento humano”(1999), publicado pela primeira vez em 1690. Ele foi taxado de empirista, pois suas ideias seguem a linha de que o ser humano criará conhecimento a partir de suas experiências.

Diferentemente do racionalismo defendido por Platão que acreditava que somente através da razão se poderia chegar ao conhecimento verdadeiro, o empirismo acredita que os cinco sentidos são capazes de atuar na produção de conhecimento, ou seja, as experiências vivenciadas pelo indivíduo atuarão ativamente no desenvolvimento do conhecimento. Aristóteles não acreditava que a razão se formava sem os sentidos. Os filósofos empiristas se diferenciam dos racionalistas, pois, acrescentam os sentidos no processo de formação do conhecimento sem ignorar a razão. A principal crítica dos empiristas é o fato que os racionalistas desconsideram a influência das experiências na formação de conhecimento pelo indivíduo, guiando-se somente pela razão.

Para Platão a ascensão de um mundo para outro só poderia ser feita abandonando conceitos. Aristóteles defende que o acúmulo das diferentes experiências enriquece a produção de conhecimento. Para ele, existiria a experiência, a técnica e a sabedoria. A primeira é o conhecimento que decorre da experiência em si. O segundo é o conhecimento para se chegar a um fim. E o terceiro é o conhecimento que determina as ideias primeiras. Os três conhecimentos estão integrados, existe hierarquia, pois diferem na proximidade da verdade, entretanto, a prática não exclui a experiência, nem a sabedoria exclui as demais.

A teoria do conhecimento de Aristóteles entende que o objeto do conhecimento é o ser. Aristóteles não acreditava em um mundo dual, como proposto por Platão. De acordo com ele, o mundo das ideias defendido por Platão já estaria contido no mundo sensível. As ideias primeiras e a essência de cada coisa já se fazem presente nesse mundo. Aristóteles defende a ideia que as coisas se apresentam como elas são e não como mera projeção. Ele desenvolveu uma metodologia que ajudou a sistematizar todo o conhecimento. Partindo de premissas particulares para premissas universais se chegaria a uma conclusão.

A dialética para Aristóteles é conjuntamente com a lógica o caminho para chegar à verdade. A lógica aristotélica sistematiza os pensamentos em premissas lógicas que resultarão em uma conclusão clara. A lógica seria composta de proposições. Estas quando conectadas resultam em um silogismo. A lógica aristotélica do silogismo consiste em aplicar uma premissa maior (mais universal), uma premissa menor (mais particular) e tirar uma conclusão lógica. Os silogismos são considerados axiomas, pois não necessitam de



demonstração, já que são uma verdade irrefutável. Por exemplo:

Premissa Maior- Todo ser humano tem coração;

Premissa Menor- Samara é um ser humano;

Logo, Samara tem coração.

A proposição é o que é, não podendo ser e, ao mesmo tempo não ser; ainda ou é, ou não é, não existindo terceira possibilidade. Respectivamente correspondem aos princípios de identidade, não contradição e terceiro excluído. Por exemplo, um pássaro é um pássaro. Um pássaro não pode ser um pássaro e, ao mesmo tempo, não ser. E um pássaro ou é um pássaro, ou não é. A lógica aristotélica é estruturada pelo processo dedutivo (parte de premissas gerais para premissas particulares).

Os silogismos são proposições que são compostas por categorias, que ajudam a sistematizar a lógica e contribuem para a formação do conhecimento científico. Em seu livro “Categorias”(2016), uma das obras que compõe o Organon, Aristóteles elabora uma divisão decupla para explicar o ser. As dez categorias são designadas de: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão. Nas proposições a substância seria o sujeito enquanto as outras categorias o predicado. A substância é a essência de cada coisa, é aquilo que é e que não se altera. A teoria das causas expõe quatro causas que definem a substância, são elas: causa formal, material, eficiente e final. A causa formal é a forma do objeto. A causa material é a matéria-prima que compõe o objeto. A causa eficiente é a ação que permitiu a confecção do material. E a causa final que é a finalidade do objeto.

A substância decorre, portanto, dessas quatro causas. Ainda a substância é dividida em essência e acidente. A essência é aquilo que é, não está sujeito a alterações. Já o acidente é tudo que está presente na essência, mas não existe em si mesmo; ele é dependente, agrega, mas não define ou altera a essência. Ainda a substância é ato e potência em si mesma. A substância é e isso é o ato. E a potência é tudo que ela pode vir a ser. E toda vez que a substância deixa de ser ato e se torna potência, novamente ela será ato, pois novas possibilidades de mudanças existirão. Para Aristóteles, existe um ato primeiro do qual derivou tudo e todas as coisas.

A quantidade é a quantia, o número que conta a coisa. A qualidade é a forma da coisa, são características que definem a coisa. A relação é aquilo que está conectado a algo, que é para algo. Aristóteles percebeu que algumas sentenças necessitam de complementação para fazerem sentido. Lugar é onde está localizado. Tempo é colocar cronologicamente, se é agora, ou se foi ontem, quando a coisa existe? Posição é em que situação está. Posse



é de que modo está, o que o sujeito está utilizando? Ação é agir para fazer algo. A ação é a potência para fazer mudança e a paixão é se o sujeito sofre algum efeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de ambos os autores são extremamente importantes para a sociedade e para a construção de conhecimento. Influenciaram a educação ocidental e suas ideias ajudaram o desenvolvimento de diversas ciências, tais como: antropologia, raciocínio lógico matemático, filosofia política.

Platão com suas obras em formato de diálogos continua até os dias atuais reafirmando a necessidade da troca entre diferentes pessoas com pensamentos diferentes. O diálogo inteligente é muito importante na construção do conhecimento e do respeito. Atualmente, há um mundo onde todos são especialistas e todos têm voz. A crise intergeracional nunca foi tão forte como nos dias atuais. Existem coisas que as outras gerações produziram que necessitam ser mudadas, entretanto, há muito o que aprender com as antigas gerações.

Aristóteles, o pai da lógica, ajudou a estruturar todo o pensamento de maneira lógica e contribuiu, grandiosamente, para a formação do conhecimento científico. Suas contribuições para a ciência ajudaram a construir todo o pensamento científico do ocidente.

Atualmente, a dialética é entendida no sentido mais amplo possível, abarcando toda e qualquer contradição. Como por exemplo, a relação entre as classes sociais é uma relação dialética.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓFANES. *As nuvens*. Cadernos de Tradução 32, UFRGS, 2013.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4º Edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARISTÓTELES. *Organon*. 3º Edição. São Paulo: Edipro, 2016.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. 1º Edição. São Paulo: Editora Matins Fontes WMF, 2013.
- BURTON, Neel. *O Mundo de Platão: A Vida E A Obra De Um Dos Maiores Filósofos De*



Todos Os Tempos. 1º Edição. São Paulo: Cultrix, 2013.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 15 de agosto de 2023.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa.** 2010.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **Teeteto.** Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3º Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PLATÃO. **Diálogos.** 1º Edição. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1972.

PLATÃO. **República.** 3º Edição. Belém: EDUFPA, 2000.

REALE, Giovanni. **Corpo, Alma e Saúde: o Conceito de Homem de Homero a Platão.** 1º Edição. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

ZINGANO, Marcos. **Platão e Aristóteles. O Fascínio da Filosofia.** 2º Edição. São Paulo: Odysseus, 2005.